

## RESENHA

DANTO, Arthur. **Andy Warhol**. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2012, 208 páginas.

Juliana Araújo

Para reconhecer a emblemática figura de Andy Warhol não é necessário deter algum conhecimento sobre o *mundo da arte*. Warhol, tratou de temas muito familiares a qualquer pessoa, sua matéria-prima era basicamente o cotidiano, e em particular, o estilo de vida americano, fator que lhe garantiu o posto de ícone.

Diferente do que o título pode vir a inculcar, uma possível pretensão biográfica, o que Arthur Danto se dispõe a realizar ao longo da obra é uma análise essencialmente filosófica do que torna Andy Warhol um artista tão insigne.

Danto teve seu interesse pela filosofia da arte desperto, após visitar a segunda exposição de Warhol na Stable Gallery, em 1962, foi nesse momento que conheceu a *Brillo Box*, obra que fez com que o filósofo investigasse os motivos que possibilitam qualquer coisa ser considerada arte e por que isso constituiria um problema filosófico. Segundo Danto, o livro é o reconhecimento de uma dívida que teria com Warhol, pois, foi por influência de sua obra que teria escrito *A transfiguração do lugar comum*.

No livro, vemos o nascimento de um artista que sempre esteve consciente da própria aparência, que desde muito cedo delimitou seus objetivos de forma extremamente concisa e que abraçava os valores vigentes de sua época. No início dos anos 60, Warhol se submeteu a uma mudança na própria aparência visando ser aceito no *mundo do arte* e no mundo gay, ele estava disposto a fazer o que fosse necessário para alcançar a fama que almejava em Nova York, para isso, o apoio da mídia era fundamental.

É possível apontar com precisão o momento de transformação na vida de Warhol que contribuiu para despontá-lo rumo a condição de ícone, entre os anos de 1959 e 1960, ele deixou de ser apenas um artista comercial bem sucedido para se juntar a vanguarda nova iorquina ocupando um lugar de destaque, essa transição é ilustrada pela obra *Antes e depois*. Com essa obra, o artista alterou radicalmente a forma de compreendermos a arte, não apenas por reproduzir uma imagem comercial, mas, por tornar imperceptível a diferenciação entre uma criação de arte banal e uma criação de arte culta. Com o rompimento da fronteira entre a arte banal e culta, vimos a arte, antes

distanciada da vida, estabelecer um vínculo com o cotidiano. Para o autor, Warhol criou uma imagem icônica da própria vida.

Danto enfatiza que, quando Warhol passou a ser reconhecido como ícone cultural, não foi algo que limitou-se apenas a uma transição biográfica, mas também, representou uma transição social, visto que, seu trabalho passou pelo crivo e foi considerado relevante por aqueles que ocupam a importante função de monitorar as fronteiras da arte, ou seja, curadores, marchands, críticos, colecionadores e outros artistas. A partir dessa questão, o autor aborda a necessidade de reconhecimento e aceitação, quando uma nova corrente artística surge, pelo *mundo da arte* vigente no período.

Afinal, o que fez com que propagandas passassem a ser consideradas obras de arte? O ponto fundamental, a partir da interpretação proposta por Danto, deve se basear na análise dos recortes da cultura comercial feitos a partir da intervenção do artista, todos eles tocam em questões que dizem respeito aos “*pequenos contratemplos humanos*”. Para qualquer problema, por mais superficial que seja, os anúncios fornecem uma solução, o que os tornariam arte, seria sua projeção simultânea onde poderíamos obter uma imagem da condição humana. O motivo da facilidade de compreensão e a identificação popular das imagens utilizadas pela *pop art* se tornam claros quando pensamos nesse ponto, as obras de arte do movimento projetavam o próprio mundo que por nós é habitado. Portanto, a grande questão já não era mais “*O que é arte?*”, mas, sim, “*Qual a diferença entre duas coisas, exatamente iguais, uma das quais é arte e a outra não?*”.

Danto diz que não há uma explicação óbvia para o fato de tantos artistas na década de 60 terem pensado e executado suas obras a partir de imagens do domínio popular, o que não chegou a constituir um movimento, mas representou uma intensa agitação cultural que viria a transformar a vida artística de Nova York.

Com o crescente número de artistas criando a partir de influências similares, Warhol precisava fazer algo que ninguém ainda tivesse feito utilizando recursos da cultura comum. Diversas histórias remetem ao processos de criação artística de Warhol, uma delas, diz respeito a apropriação das ideias de outros pelo artista. Danto faz questão de deixar claro que colaborar com uma ideia e pensar no processo de execução de uma obra são coisas bem distintas, mesmo que o artista se apropriasse em algum momento da ideia de outro, isso não tiraria seu crédito na obra.

Warhol passou a trabalhar em suas obras buscando dar a impressão de que elas foram produzidas por meios mecânicos, as pinceladas expressionistas tinham definitivamente ficado no passado, uma vez que seu objetivo era representar uma lata de bebida ou alimento, por exemplo, não havia necessidade de intervir na imagem realizando qualquer acréscimo. A uniformidade e a previsibilidade da cultura comercial, fascinavam Warhol, uma lata de sopa Campbell é igual para todos, não importa sua origem ou posição social.

A fama de Warhol permaneceu mesmo com o término do movimento pop, ele atingiu um elevado patamar que nenhum outro artista do seu tempo conseguiu. Sua obra se tornou inseparável de sua imagem, ele foi capaz de promover uma profunda alteração no conceito de arte, e ainda, criou um estilo de vida totalmente novo.

Em 1964 ocorreu mais uma significativa mudança nos rumos da carreira de Warhol, também foi a época em que alugou uma antiga fábrica para ser seu centro de operações, surgindo assim, “The Factory”, que acabou se tornando mais do que um espaço de criação. Pessoas que se identificavam com o espírito dos anos 60 podiam vivenciar de forma intensa a experiência desse estilo de vida. A Factory era o ambiente perfeito para atrair jovens desajustados, Warhol gostava de observá-los e usá-los como fonte de inspiração. Foi pensando no processo de produção mecânico que tanto o interessava, que o nome do seu espaço de trabalho foi escolhido.

Danto nos apresenta Gerard Malanga, assistente de Warhol, como fonte principal para conhecermos a confecção da Brillo Box e a organização industrial da Factory. Quando a ideia de reproduzir as caixas surgiu, o artista percebeu que trabalhar com a superfície de papelão seria inviável, logo, pensou em utilizar madeira, recorrendo com isso, aos serviços de marceneiros. Danto nos mostra a importância do trabalho na concepção de arte que o artista possuía, comprar as caixas direto com os fabricantes não era uma ideia plausível para ele, seu desejo nunca foi o de executar *ready-mades*. Embora o resultado da obra parecesse mecânico, Warhol valorizava os acidentes que poderiam ocorrer durante o uso da tinta e jamais os corrigia.

As caixas nos guiam à grande questão filosófica, as *Brillo Box* de Warhol pareciam idênticas com as que eram encontradas nas prateleiras dos supermercados, alguém que não estivesse consciente do que vinha sendo produzido pela arte de vanguarda não seria capaz de ver arte nas caixas. Vemos então a necessidade de conhecer algo da história da arte recente para compreender o porquê de uma caixa ser arte e a outra não. O autor prefere não se aprofundar na questão filosófica da ontologia

das obras de arte, contudo, deixa claro que, pela aparência similar das caixas, o que confere o reconhecimento como obra de arte de um objeto deve ser imperceptível a olho nu.

Quando o autor aborda as produções cinematográficas de Warhol, o compara a Sócrates. Segundo ele, o artista se interessou pela essência das coisas, e assim como o filósofo e seus companheiros, propôs diversas questões e as testou. O cotidiano continuava a fasciná-lo e com o intuito de eliminar interferências do seu próprio olhar, não manipulava a filmadora durante as gravações, ele a focalizava sobre o tripé e se afastava de imediato, seu objetivo era captar as coisas como realmente eram. Para Danto, o filme *Empire*, de 1964, é assim como a *Brillo Box*, uma obra prima filosófica.

Warhol passou a vida cercado de pessoas intensas, inconsequentes, criativas e desequilibradas. Nos momentos finais do livro, Danto reproduz um relato de Warhol, onde o artista admite que foi por sorte que nada desastroso tivesse ocorrido devido as companhias que mantinha. Sorte que mudou em 1968, o autor trata a tentativa de assassinato que ele sofreu como sua primeira morte.

Com o término do anos 60 muita coisa mudou, de certo modo, o artista sentia que a nova década chegava acompanhada por um vazio, ninguém sabia ao certo o que deveria fazer, nem mesmo tinham a menor suspeita do que viria a seguir. Por um momento, a pintura passou a ser excluída do meio acadêmico e das exposições, o que mudou esse posicionamento, no mínimo equivocado, foram as criações de Duchamp, Warhol e Beuys. Não faria o menor sentido condenar a pintura, uma vez que, esses artistas provaram que qualquer coisa poderia ser arte.

Já com a carreira efetivamente consolidada e mesmo com toda instabilidade do mercado dos anos 70 e 80, Warhol se dedicou intensamente a *business art*. Gravuras e pinturas eram o que basicamente movimentavam a maior parte dos lucros da Andy Warhol Enterprises.

Danto encerra o livro, enfatizando, mais uma vez, a importância da obra de Andy Warhol para a filosofia. Para ele o artista possuía uma mentalidade que era naturalmente filosófica, e com a *Brillo Box*, fez uma importante contribuição para os novos rumos da filosofia da arte, as caixas sugeriam a possibilidade de estarmos diante de uma obra de arte sem termos essa consciência. No dia 22 de fevereiro de 1987, Andy encontrou sua segunda e última morte.

## REFERÊNCIAS

DANTO, A. **A Transfiguração do lugar comum**. Tradução: Vera Pereira. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2010.

\_\_\_\_\_. **The art world**. *Journal of Philosophy*, v.61, p. 571-584.

WARHOL, A. **A Filosofia de Andy Warhol: (De A a B e de volta a A)**. Tradução de José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2008.